



As Atitudes do Jovem Acadêmico Relacionada às Informações sobre Saúde Provenientes das Plataformas Virtuais¹

Jozy MIRANDA²

Kéthelen ANDRADE³

Maluan VIEIRA⁴

Dra. Sonia Aparecida Cabestré⁵

(Universidade Sagrado Coração, Bauru, SP)

RESUMO

O jovem contemporâneo apresenta ritmo de vida frenético acumulando atividades sociais, culturais e educativas. Em decorrência, visitas médicas tornaram-se escassas, quando não anuladas, induzindo-os a buscar informações sobre saúde na internet. Pretendendo conhecer e avaliar as atitudes que o acadêmico adota ao buscar informações providas das plataformas virtuais para a prática de automedicação, a priori realizamos pesquisa em acervo bibliográfico pertinente ao tema e em seguida aplicamos uma pesquisa de caráter quantitativo junto ao público universitário graduando da Universidade do Sagrado Coração (USC), no intuito de reunir elementos de compreensão diante do contexto estudado. É importante destacar que, enquanto graduandos do Curso de Relações Públicas, nos cabe indagar a posição dos veículos midiáticos virtuais no que se refere à promoção da saúde. Por intermédio de um diagnóstico situacional, elencamos as ações adotadas pelo acadêmico USC no que tange à prática da automedicação e sua relação com saúde, enquanto internautas. Relacionamos assim a importância da comunicação como ferramenta conciliadora entre os órgãos que regulamentam a saúde e o público de interesse, bem como salientamos a importância do profissional de Relações Públicas como agente de relacionamento no que diz respeito à programas de prevenção e promoção da saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Automedicação; Cibercultura; Relações Públicas; Saúde; Tecnologia.

Introdução

¹ Trabalho apresentado no IJ 3 – Relações Públicas e Comunicação Organizacional do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Uberlândia – MG – 19 a 21/06/2015

² Estudante de graduação do 4º semestre do Curso de Relações Públicas da Universidade do Sagrado Coração, email: jozy.miranda@hotmail.com.

³ Estudante de graduação do 5º semestre do Curso de Relações Públicas da Universidade do Sagrado Coração, email: kethelen.andrade@yahoo.com.

⁴ Estudante de graduação do 7º semestre do Curso de Relações Públicas da Universidade do Sagrado Coração, email: maluanvieira@hotmail.com.

⁵ Orientadora do trabalho. Docente da Universidade Sagrado Coração (USC), Doutora em Educação – Ensino na Educação Brasileira pela UNESP de Marília. Professora do Curso de Relações Públicas da USC, Coordenadora do Curso de Especialização em Comunicação nas Organizações da Universidade Sagrado Coração e Líder do Grupo de Pesquisa GPECOM (USC). E-mail: scabestre@uol.com.br.



Percebeu-se que, devido ao processo de globalização, as informações estão sendo difundidas sem critério, causando aumento da automedicação e deixando de lado a promoção da saúde. Pelo exposto, abordamos o tema proposto com a finalidade de evidenciar o papel do profissional de Relações nos processos de comunicação, somada à preocupação relacionada aos perigos pertinentes às redes sociais virtuais e suas atribuições.

O objetivo do presente trabalho é destacar a função do profissional de Relações Públicas frente às mídias digitais e seu papel referente ao jovem e a prática da automedicação, interpretação de bulas e exames médicos. Frente a isso, destacam-se primeiramente os fundamentos teóricos pertinentes ao tema, sendo eles: o jovem, a automedicação e a qualidade de vida; a internet e suas especificidades; o ciberespaço no âmbito da saúde; a comunicação social e promoção da saúde; e o papel social do profissional de relações públicas. Também, desenvolveu-se pesquisa de caráter quantitativo com o objetivo de compreender o papel do profissional de Relações Públicas enquanto agente intermediador da comunicação frente aos órgãos regulamentadores e seus *stakeholders* atingidos pelas informações disseminadas nas plataformas virtuais, principalmente nas questões que tangem à promoção da saúde. Por fim, apresenta-se algumas considerações sobre o tema à luz do objetivo do presente trabalho e dos autores utilizados.

1 Fundamentação Teórica

1.1 O jovem, a automedicação e a qualidade de vida.

Sabemos que o jovem da nomeada Geração Y⁶ apresenta ritmo de vida frenético, com acúmulo de atividades sociais, culturais e educativas. Em decorrência, visitas médicas tornaram-se escassas, quando não anuladas, de seu cotidiano peculiar, induzindo-os a pautar conteúdo informativo sobre saúde através da Internet.

A automedicação caracteriza-se pelo ato de tomar algum medicamento sem a prescrição de um médico ou farmacêutico especialista, por conta e riscos próprios, justamente como Gonçalves (2009) alega que procede pela iniciativa de um doente, ou de seu responsável, em obter ou produzir e utilizar um produto que acredita que lhe trará benefícios no tratamento de doenças ou alívio de sintomas.

⁶ Também chamada de Geração do Milênio ou Geração da Internet, denomina as pessoas nascidas entre os anos de 1980 e 2000.



Conforme consta no Portal Clube da Longevidade Vida Moderna⁷ (2009),

[...] o uso indiscriminado de medicamentos pode, por exemplo, anular a eficácia ou potencializar os efeitos adversos, além de mascarar sintomas ou agravar doenças. Por outro lado, quando um medicamento é usado conforme as orientações dos médicos e da bula, resulta em tratamento eficaz e seguro no combate às doenças.

A prática da automedicação pode mascarar sintomas, além de agravar doenças, e seus riscos são bastante pertinentes, pois os fármacos comumente vendidos nas prateleiras das drogarias físicas ou ainda nas drogarias virtuais são considerados igualmente drogas, vide a etimologia da palavra drogaria: droga (substância que altera o as funções fisiológicas humanas) + aria (coleções, conjuntos).

Segundo informações coletadas do artigo “Automedicação: por que a prática é tão comum entre os jovens?”⁸ disponível no Portal Educação UOL, pertinente à pesquisa do Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade (ICTQ), realizada entre os meses de Março e Abril de 2014, em 12 capitais brasileiras, demonstra que a automedicação é praticada por 76,4% dos respondentes, jovens em sua maioria, sendo que 90,1% têm entre 16 e 24 anos. A pesquisa relata ainda que 32% dos brasileiros que se automedicam costumam aumentar a dose do remédio por conta própria, sem orientação médica ou farmacêutica, no ato alusivo de acelerar o processo de cura.

Este fato ocorre devido a fatores diversos e individuais. Os principais destacados são: a demora em conseguir uma consulta com um especialista, falta de tempo ou, por vezes, a intrínseca curiosidade e, em sua decorrência, o uso de plataformas virtuais, de acesso fácil e ilimitado, que disseminam informações inúmeras vezes inadequadas e errôneas, difusas da evolução tecnológica inerente da sociedade contemporânea.

Diante desta realidade, ressaltamos que algumas das complicações não são imediatas, mas de efeito retardatário, quando as alterações no organismo aparecem

⁷ Informações extraídas do artigo “Os perigos da automedicação” do website Clube da Longevidade Vida Moderna. Disponível em: <http://clubevidadomoderna.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=225%3Aos-perigos-da-automedicacao&Itemid=369&showall=1> Acesso em: 22 Set. 2014.

⁸ Informações extraídas do artigo “Automedicação: por que a prática é tão comum entre os jovens?” do Portal Educação hospedado em uol.com.br. Disponível em <<http://educacao.uol.com.br/bancoderedacoes/automedicacao-por-que-a-pratica-e-tao-comum-entre-os-jovens.jhtm>> Acesso em: 07 set. 2014.



ao longo de anos. Um destes efeitos comuns é a perda do efeito medicamentoso, uma vez que o organismo se adapta aos componentes do remédio e passa a não reagir como de costume.

Devemos destacar ainda o risco de intoxicação e os perigos decorrentes da associação da automedicação e o consumo de álcool, como divulgado pela Revista EnfermagemRevista. O coordenador de Enfermagem do CCI⁹, Alexandre Zucoloto¹⁰, afirma que é necessário cautela nos casos de intoxicação, sobretudo quando envolvem medicamentos ou não se sabe ao certo a causa do mal-estar. É fundamental obter um histórico completo e conciso do paciente, antes de tomar determinadas medidas:

Quantos comprimidos foram ingeridos? Quanto tempo levou desde a ingestão até a chegada ao hospital? Qual histórico do paciente? É possível identificar a embalagem do agente causador do problema? São questões que jamais podem ser ignoradas e devem estar na ponta da língua, no auxílio à conduta médica (ALEXANDRE ZUCOLOTO, 2014.)

Petrone (1994) define qualidade de vida no sentido de satisfação, realização das aspirações e desejos, conscientes ou não, superando de modo positivo os obstáculos da vida, nas duas diferentes fases. O autor relaciona qualidade de vida com autoconhecimento, afirmando que o indivíduo que se conhece sabe definir o que é sua qualidade de vida, avalia melhor suas escolhas e seus comportamentos, evitando circunstâncias que favoreçam o aparecimento de doenças ou assume estratégias mais úteis com a finalidade de limitar danos, criando projetos de vida envolvendo outras pessoas, favorecendo o crescimento pessoal.

Segundo Castellanos (1997), qualidade de vida transita em um campo semântico polissêmico definido como:

De um lado está relacionado a modo, condições e estilos de vida. De outro inclui as ideias de desenvolvimento sustentável e ecologia humana. E por fim relaciona-se ao campo da democracia, do desenvolvimento e dos direitos humanos e sociais. No que concerne à saúde, as noções se unem em uma resultante social da construção coletiva dos padrões de conforto e tolerância que determinada sociedade estabelece como parâmetros para si.

Logo, concluímos nesse contexto, devido a evolução inerente à sociedade contemporânea, que a qualidade de vida dos estudantes está longe do plano de realização, afinal é neste momento que o jovem projeta sua vida, ficando exposto a

⁹ Centro de Controle de Intoxicações

¹⁰ Em coleta de informações para a edição do terceiro trimestre de 2014 da Revista EnfermagemRevista



situações de risco como a aproximação do álcool e algumas drogas, portanto, ainda sem a qualidade esperada onde estes, com a sobrecarga de tempo e afazeres, se distanciam dos padrões de conforto e bem-estar.

1.2 A internet, suas especificidades e o ciberespaço no âmbito da saúde

O acesso à internet provém da cultura de uma sociedade, onde sua frequência de uso e igualmente sua finalidade se adequam conforme a educação tecnológica e as ferramentas disponíveis do meio inserido. Levy (1993, p. 102) disserta que os computadores e as redes de tecnologia “são redes de interfaces abertas a novas conexões, imprevisíveis, que podem transformar radicalmente seu significado e uso” e que “a principal tendência desse domínio é a digitalização [de dados], que atinge todas as técnicas de comunicação e de processamento de informações”.

Estamos inclinando às crenças de que ferramentas, como celulares, computadores, aplicativos e similares avançados, substituem a comunicação analógica, face a face, assim já indagava Wolton (2009), quando dizia que “cada um é fascinado pelo volume de informações acessíveis, mas ninguém questiona o que é feito socialmente disso através da comunicação”.

Encontramos no ciberespaço¹¹ um novo estilo de vida, que conta com modo de pensar, agir e falar personalizados, onde devemos adaptar os mecanismos para atingir esta fatia de público, perpétuo e promissor. Segundo Levy (1999, p. 177): “As árvores de conhecimentos são um método informatizado para o gerenciamento global das competências nos estabelecimentos de ensino, empresa, bolsas de emprego, coletividades locais e associações”.

Na sociedade hodierna, os indivíduos estão cada vez mais tempo conectados a uma realidade de interação virtual, utilizando da internet, das redes sociais, das blogosferas, do acesso móvel em aparelhos celulares, de aplicativos e softwares avançados disponíveis nos mesmos, dentre outras ferramentas que a tecnologia e a globalização nos proporcionam.

Este paradigma corroborou ao acúmulo de informações efêmeras, uma vez que a inserção de conteúdo no ciberespaço se torna frequente e veloz, ininterrupta, fazendo com que o internauta pouco assimile e pouco aprofunde o que é fornecido, prejudicando o processo de comunicação.

¹¹ Espaço virtual para a comunicação disposto pelo meio de diversas tecnologias.



Santos; Rossi e Francisco (2013, p. 379-380) defendem que:

[...] questões simples do cotidiano deveriam ser refletidas pelo homem a fim de agregar valores e transmiti-los para as futuras gerações, as quais sofrem com o excesso de informação e, simultaneamente, com a falta de discernimento do coletivo do certo e do errado em nossa sociedade.

Erroneamente, estamos transferindo o poder da comunicação para a facilidade das tecnologias, uma vez que a predisposição da sociedade atual é transferir para mecanismos tecnológicos o trabalho de resolver problemas. Quanto mais tecnologia, mais os indivíduos se compreenderão, um equívoco, dado que a comunicação pode facilmente fracassar mesmo utilizando de ferramentas sociais.

Os veículos de comunicação antecessores à internet representam emissores que pouco ou nada se inter-relacionam com seu receptor, tornando este um público passivo, e o processo de comunicação uma via de mão única. Enquanto isso, o ciberespaço possibilita um processo recíproco, de forma que emissores e receptores interagem de forma simultânea e instantânea, viabilizando a comunicação interativa e coletiva, a qual pode ser denominada comunicação de mão dupla. Em síntese, os tradicionais meios de comunicação (jornais, revistas, rádio e televisão) são veículos um para todos, já a *web* é um veículo todos para todos.

Ramos (2012, p. 26) relata que “o *facebook* é um fenômeno social do ciberespaço, representando as diferenças e vantagens desse espaço virtual em relação aos meios de comunicação de massa tradicionais”.

O *Facebook* disponibiliza diversas ferramentas interativas, ou seja, fóruns de debate, grupos de interesse, páginas pessoais e comerciais, loja virtual, jogos e aplicativos, entre outros, em que usuários compartilham suas impressões, valores, conhecimentos e opiniões com todos os usuários a ele ligados. Após atualizações no ano de 2013, a rede disponibilizou ainda uma ferramenta que suporta ligação gratuita através do aplicativo *Facebook Messenger*. Hoje o *Facebook* é uma empresa com mercado de ações, adquiriu os direitos de diversos aplicativos, como *Instagram*¹² e *WhatsApp*¹³ e possui 1,23 bilhão de usuários mundiais. Em tempo: até o ano de 2014 o Brasil é o segundo país com mais usuários ativos.

¹² Aplicativo gratuito que permite aos usuários tirar fotos, aplicar um filtro e depois compartilhá-la numa variedade de redes sociais, incluindo o próprio *Instagram*.

¹³ Aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas para aparelhos celulares. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e mensagens de áudio de mídia.



No século corrente, os aparelhos de telefonia móvel também sofreram avanços tecnológicos e efetuar uma ligação não é mais sua única ou principal função. Na última década, contamos com ferramentas ainda mais avançadas nos aparelhos celulares, como os *softwares* de aplicativos¹⁴, que têm por objetivo auxiliar o usuário a desempenhar tarefas específicas, em geral ligadas a processamento de dados, que funcionam através dos sistemas operacionais móveis *iOS*, *Android* e/ou *Windows Phone*.

No entanto, devemos considerar que os portais da internet, as páginas das redes sociais e os aplicativos de celulares não substituem as consultas médicas, assim como Wurman (1991, p.91) disserta que “a ansiedade da informação é o resultado da distancia cada vez maior entre o que compreendemos e o que achamos que deveríamos compreender”. Sabe-se que os seres humanos não alcançam todo conteúdo possível para reduzir suas dúvidas e incertezas, mas podem ter conhecimento de onde encontrar os dados e como transformá-los em informação e, por sua vez, o profissional comunicólogo pode ser um agente facilitador da decodificação desses dados e informações, agindo com o intuito de que o público tenha compreensão dos conteúdos da saúde concebidos pelos portais da internet, pelas páginas das redes sociais virtuais e ainda pelos aplicativos de celulares.

1.3 Comunicação social e promoção da saúde

A comunicação é fundamentada na capacidade dualística de doação e recepção. Registros históricos apontam que desde o período da pré-história, por meio de gravuras bucólicas e grunhidos, o homem já fazia uso da comunicação, era como ele se expressava com seus similares.

As etapas a seguir, relatadas por Wolton (2009, p. 19), exemplificam a cadeia da comunicação, tanto no que diz respeito à comunicação humana quanto à comunicação mediada por tecnologias:

1ª: A comunicação é inerente à condição humana, não há vida pessoal e coletiva sem vontade de falar, de comunicar, de trocar, tanto na escala individual, quanto coletiva. 2ª: Os seres humanos desejam se comunicar por três razões: compartilhar, convencer e seduzir. Com frequência, simultaneamente, mesmo que isso não seja enunciado. 3ª: A comunicação esbarra na incomunicação. O receptor não está sintonizado ou discorda. 4ª: Abre-se uma fase de negociação na quais os protagonistas de modo mais ou

¹⁴ Em alguns artigos, encontramos sua abreviação *APP*.



menos livre são iguais, tentam chegar a um acordo. 5ª: Chama-se de convivência, dessa negociação. A negociação e a convivência são procedimentos para evitar a incomunicação e as suas consequências, frequentemente belicosas.

De acordo com a Carta de Ottawa¹⁵, da primeira conferência internacional sobre promoção da saúde, de novembro de 1986, entende-se por Promoção da Saúde:

O processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle deste processo. Para atingir um estado de completo bem-estar físico, mental e social os indivíduos e grupos devem saber identificar aspirações, satisfazer necessidades e modificar favoravelmente o meio ambiente. A saúde deve ser vista como um recurso para a vida, e não como objetivo de viver. Nesse sentido, a saúde é um conceito positivo, que enfatiza os recursos sociais e pessoais, bem como as capacidades físicas. Assim, a promoção da saúde não é responsabilidade exclusiva do setor saúde, e vai para além de um estilo de vida saudável, na direção de um bem-estar global.

Posto isto, podemos afirmar que é possível criar um ambiente favorável para a gestão de ações de promoção e humanização da saúde no âmbito comunicacional, que tem como principal foco capacitar indivíduos e comunidades, a fim de que dissipem e pratiquem junto a seus semelhantes o programa de melhoramento e manutenção da própria saúde e dos demais cidadãos.

Podemos definir, tendo em vista a preconização da promoção da saúde, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), no que tange à saúde que, esta diz respeito a toda sociedade, deixando de ser uma competência exclusiva médica.

Saúde não é somente a ausência de doença, mas sim um bem estar global. Devemos, então, voltar nossos esforços para que se alcance esse objetivo e a internet deve ser uma ferramenta voltada para divulgação de informações fidedignas, onde encontraremos ambientes favoráveis para promover a saúde, justiça social, ecossistema e equidade.

1.4 O papel social do profissional de relações públicas

Assim como Simões (2006, p. 69) defende em sua teoria, “Relações Públicas refere-se ao processo, implicando a estrutura – componentes e dinâmicas – existente no

¹⁵ Conteúdo coletado a partir da CARTA DE OTTAWA, da primeira conferência internacional sobre promoção da saúde de 1986. Disponível em <http://www.mpba.mp.br/atuacao/cidadania/gesau/legislacao/internacionais/carta_ottawa.pdf> Acesso em: 14 set. 2014.



sistema de relacionamento ente a organização e seus públicos”, as Relações Públicas enquadram-se igualmente em todas as dimensões, porém em parâmetros micropolíticos.

Conforme exposto historicamente, em meados da década de 90, a área da saúde compreendeu a importância das atividades das Relações Públicas, que alia a comunicação assertiva e niveladora aos programas de prevenção de doenças, desenvolvimento e promoção da saúde. Trata-se de um papel importante junto a este cenário, pois a dinamicidade do Relações-Públicas somada à eficiência das ferramentas que utiliza como campanhas e programas de sensibilização e assistência a sociedade, resulta em um trabalho de sucesso.

Diante desta nova circunstância, a promoção da saúde visa a mobilização comunitária na busca de uma vida mais saudável para todos e para cada um. O profissional de Relações Públicas, na função de comunicador, pode atuar no fortalecimento da ação comunitária, compartilhando os saberes técnicos e saberes populares, criando condições para a construção de estratégias eficazes na abordagem dos problemas de saúde.

Podemos concluir que o profissional de Relações Públicas tem responsabilidade social na esfera de dados e informações, tendo como base que a principal ação do Relações-Públicas aplicadas na área da saúde, é harmonizar os interesses das organizações e órgãos regulamentadores, como a Organização Mundial da Saúde (OMS), com os seus públicos de interesses. Ser um comunicador assertivo, portanto, é desfrutar de uma atitude que privilegia a qualidade desta comunicação e, quando praticada continuamente, gera condições para o desenvolvimento pessoal e melhora consideravelmente as relações humanas.

Apresentados os pressupostos pertinentes ao estudo, destaca-se na sequência o resultado de uma pesquisa desenvolvida com universitários da Universidade Sagrado Coração (USC).

2 Pesquisa de opinião sobre as atitudes do Jovem Acadêmico em relação às informações sobre saúde provenientes das plataformas virtuais.

A pesquisa objetivou avaliar a automedicação, pois está se tornando um dos hábitos mais difundidos no mundo, deixando de ser, então, uma atitude esporádica, passando a ser uma prática corriqueira e de alto risco entre jovens no âmbito acadêmico.



Como metodologia para o desenvolvimento da pesquisa de opinião, utilizamos o método quantitativo. A aplicação da pesquisa ocorreu no período previsto em cronograma. Cada integrante do grupo aplicou a pesquisa em 50 acadêmicos graduandos da universidade, obtendo a somatória de 200 entrevistas, sendo estes, por sua vez, do período noturno, discentes dos centros de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas, Ciências Humanas e Ciências Biológicas, representando uma amostra de 3,3% da somatória estimada de 6000 alunos como um todo.

Juntamente com a professora e orientadora deste estudo foram estipulados alguns parâmetros para a execução da pesquisa. O grupo organizou-se para abordar os jovens dentro da Universidade do Sagrado Coração e nas suas imediações. Essa abordagem ocorreu entre os dias 15 de outubro a 15 de novembro de 2014.

A partir do processo de coleta, pudemos analisar que parte considerável dos entrevistados estava dentro do perfil previsto sendo: maioria dos jovens de 17 a 24 anos, maioria do sexo feminino, sendo 50,5%; grande incidência de jovens que residem com pais e/ou familiares sendo 72,5% dos entrevistados, oferecendo um parâmetro para fazer ligação que a automedicação é induzida também, quando não somente por pessoas do convívio familiar. Parte considerável dos jovens entrevistados uma porcentagem de 95,5%, informaram que acessam a internet todos os dias da semana, sendo que 20,5% utilizam no dia a dia. 72% utilizam as redes sociais para se manterem informado, possivelmente em relação às práticas da automedicação, interpretação de exames médicos e bulas de medicamentos não prescritos.

A seguir, os principais resultados da pesquisa. Optou-se por apresentar neste artigo as questões que têm maior relevância para a temática estudada.

Questão 1 - Que dispositivo você utiliza para o acesso à internet?

Notamos que a hipótese de que a globalização difundiu os meios digitais propiciando ao jovem o acesso à informação e aumentando os riscos da automedicação e da interpretação de exames médicos e/ou bulas de remédios se confirma. Pois, conforme índice frequente do acesso a internet (em sua maioria todos os dias) e através do dispositivo mais citado (celular) com 39%, que disponibiliza informação instantânea e ao alcance das mãos, sem a necessidade de deslocar-se até um dispositivo fixo como os computadores, denominados “computadores pessoais”.

Questão 2 - Onde você busca informações sobre saúde?



Assim como informado que 72,5% dos respondentes alegam morar com familiares e parentes, nota-se que os familiares têm grande influência sobre os acadêmicos quando se trata da busca de informação sobre saúde, trazendo como positiva a hipótese de que os acadêmicos USC sofrem influência do círculo familiar e afetivo ao buscarem interferência para seu problema de saúde, recorrendo às anteriores ou vigentes experiências medicamentosas de seus familiares, amigos e similares. Ainda, podemos notar um percentual atingido relativo à busca de informações de saúde na internet ser a Internet em Geral, somando 26% da frequência relativa.

Questão 3 - Com que frequência você acessa a internet para buscar informações sobre saúde?

Podemos constatar que o maior percentual atingido relativo à frequência de busca de informações sobre saúde na internet ser a Internet em Geral, somando 95,5% da frequência relativa, afirma nossa hipótese referente à automedicação, interpretação de bulas e medicamentos não prescritos e resultados de exames médicos.

Questão 4 - Quando as informações não são fornecidas por médicos, que atitudes você adota?

Em sua maior porcentagem frequente relativa, percebemos que 46,5% dos jovens acadêmicos seguem as orientações recebidas, mesmo que as informações sobre saúde não sejam fornecidas por médicos, assim como em questão anterior, quando são propostas dos familiares, amigos ou ainda captadas da internet. Assim, confirmamos que os acadêmicos da USC conhecem os riscos da automedicação e, ainda assim, o fazem, utilizando de forma indiscriminada as informações pautadas de plataformas virtuais, descartando a figura de um profissional especialista.

Questão 5 - Quando acessa a internet sobre questões de saúde, que tipo de informação você busca?

Os resultados apontam que, em sua grande maioria, os jovens acadêmicos da Universidade do Sagrado Coração preocupam-se com a saúde de modo equilibrado, realizando consultas médicas, praticando atividades físicas, cuidando da alimentação, entre outros. Mas, sobre as questões de saúde necessitam se pautar através das informações providas da internet, pois 30% dos entrevistados informaram que buscam informações sobre descrição dos sintomas e 26% sobre medicamentos, caracterizando



assim um perfil de jovens que buscam conhecer os sintomas que estão apresentando para, então, se automedicar.

Questão 6 - Quais são os motivos que levam você a pesquisar sobre saúde na internet?

Sabemos que o jovem da nomeada Geração Y apresenta ritmo de vida frenético, com acúmulo de atividades sociais, culturais e educativas. Em decorrência, visitas médicas se tornaram escassas, quando não anuladas de seu cotidiano peculiar. Pelo exposto, destaca-se que 37% dos entrevistados utilizam a internet para pesquisa sobre saúde por apresentar facilidade e rapidez no acesso à informação, sendo que 16% alegam falta de tempo para consultar-se com um médico, e 14% demora em conseguir consulta médica.

Considerações sobre a pesquisa¹⁶

Com a realização desta pesquisa conseguimos chegar ao objetivo estipulado com êxito, com o intuito de compreender a problemática que envolve as questões de saúde provindas das plataformas virtuais. A pesquisa de opinião proporcionou coletar uma amostra satisfatória, ao mesmo tempo em que obtivemos resultados significativos, trazendo à tona as lacunas existentes em relação a Órgãos Regulamentadores das mídias digitais e também da escassa promoção da saúde em nosso país.

Com a análise feita, podemos refletir e formar ideias que podem colaborar, s.m.j., para a diminuição da alienação sobre esse tema que trilha um caminho paralelo à responsabilidade social, ponto que abrange não só os jovens acadêmicos, mas todos as pessoas que estão ou não em contato com as plataformas virtuais, pois este é um fator que envolve saúde pública, sendo esta uma lacuna gerada pelo primeiro setor e que afeta direta ou indiretamente todos os cidadãos.

Diante do que foi manifestado pelos acadêmicos graduandos destaca-se a necessidade de melhorias nas informações referentes à promoção de saúde e os riscos da automedicação, mobilizando a comunidade jovem a atentar-se ao bem estar individual e coletivo. Em suma, precisamos repensar o processo de comunicação, integrar os órgãos regulamentadores da saúde aos veículos de mídia, desviando o problema do volume de

¹⁶ No processo de elaboração e de aplicação da pesquisa o grupo contou com a participação da aluna Juliete Lucas.



conteúdo informativo, mas sim propiciando conhecimento necessário para que o público jovem, enquanto sujeito internauta e reflexivo, possa compreendê-los.

Referências

Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **ANVISA**. Disponível em: <<http://www.anvisa.gov.br/>> Acesso em: 07 Set/2014.

Automedicação pela internet preocupa especialistas da saúde. **Portal G1 Bauru e Marília**. Disponível em <<http://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2013/11/automedicacao-pela-internet-preocupa-especialistas-da-saude.html>> Acesso em: 07 set. 2014.

Automedicação: por que a prática é tão comum entre os jovens? **Portal Educação UOL**. Disponível em <<http://educacao.uol.com.br/bancoderedacoes/automedicacao-por-que-a-pratica-e-tao-comum-entre-os-jovens.jhtm>> Acesso em: 07 set. 2014.

Biblioteca Virtual em Saúde. **Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo**. Disponível em: <<http://sms.sp.bvs.br/php/index.php>> Acesso em: 20 Set. 2014.

BONFIM, Mariana. Aplicativos para você cuidar melhor da saúde. **M de Mulher – Editora Abril**. Disponível em: <<http://mdemulher.abril.com.br/saude/reportagem/prevencao-trata/aplicativos-voce-cuidar-melhor-saude-769037.shtml>> Acesso em: 21 Set. 2014.

BRETON, Philippe; PROULX, Serge. **Sociologia da Comunicação**. São Paulo, SP. Editora Loyola, 2002.

CARTA DE OTTAWA. **Primeira conferência internacional sobre promoção da saúde de 1986**. Disponível em <http://www.mpba.mp.br/atuacao/cidadania/gesau/legislacao/internacionais/carta_ottawa.pdf> Acesso em: 14 set. 2014.

Casos de intoxicação exigem agilidade e olhar atento. Publicação oficial do COREN. **EnfermagemRevista**. Volume 8, P. 48-52, Jul/Ago/Set 2014.

CATELLANOS, P.L. Epidemiologia, saúde pública, situação de saúde e condições de vida: considerações conceituais. IN: BARATA, R.B. (org). **Condições de vida e situações de saúde: saúde e movimento**. Rio de Janeiro, RJ. Editora ABRASCO, 1997



Conheça cinco aplicativos de celular que ajudam a emagrecer. **Corpo a Corpo: Portal UOL**. Disponível em: <<http://corpoacorporo.uol.com.br/dieta/nutricao/conheca-cinco-aplicativos-de-celular-que-ajudam-a-emagrecer/confira-cinco-aplicativos-que-podem-ajudar-a-eliminar-os-quilinhos-extras/1466/2>> Acesso em: 21 de Set. 2014.

Consumo de álcool e qualidade de vida em estudantes universitários. Disponível em <<http://fefnet178.fef.unicamp.br/ojs/index.php/fef/article/viewFile/528/358>> Acesso em: 23 Set. 2014.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo, SP. Editora Atlas, 2006.

Efeito rebote. **Pró Saúde**. Disponível em: <<http://www.prosaude.net/efeito-rebote-%D0%BE-qu%D0%B5-e/>> Acesso em: 22 Set. 2014.

GONÇALVES, Débora. Prática de automedicação entre usuários de uma farmácia escola. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**. Volume 7, número 22, Set/Out 2009.

GONZALES, Daniel. Dez dicas de apps sobre saúde. **Mundo APP – Blog Estadão**. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/daniel-gonzales/dez-dicas-de-apps-sobre-saude-para-android-ios-e-windows-phone/>> Acesso em: 21 Set. 2014.

LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo, SP. Editora 34, 1993.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo, SP. Editora 34, 1999.

Melhor com Saúde. **Facebook**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/melhorcomsaude>> Acesso em: 21 Set. 2014.

Os perigos da automedicação. **Clube da Longevidade Vida Moderna**. Disponível em: <http://clubavidamoderna.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=225%3Aos-perigos-da-automedicacao&Itemid=369&showall=1> Acesso em: 22 Set. 2014.

PETRONE L. **Qualidade da Vida e Doenças Psicossomáticas**. São Paulo, SP. Lemos, 1994.



Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/csc/v5n1/7075.pdf>> Acesso em: 24 Set. 2014.

RAMOS, Ana Paula. Redes Sociais e o contrato de Comunicação em evidência. IN: BUENO, Wilson da Costa (org.). **Comunicação Empresarial: tendências e perspectivas.** São Paulo, SP. Editora All Print, 2012.

RODRIGUES, Claudia. Os perigos dos remédios sem receita. **Revista Seleções: Reader's Digest.** P. 36-41. Jun/2004.

RUFINO NETO, A. Qualidade de vida: Compromisso histórico da epidemiologia. IN: MFL Lima e Costa e RP Souza (orgs). **Qualidade de vida: Compromisso histórico da epidemiologia.** Belo Horizonte, MG. Editora ABRASCO, 1994.

SANTOS, Penélope; ROSSI, Jéssica; FRANCISCO, Paula. Comunicação e Humanização na área da Saúde. IN: CABESTRÉ, Sonia; CARVALHO, Lígia; MATOS, Vanessa (orgs.). **Comunicação, Mídia e Sociedade: reflexões teóricas e práticas.** Bauru, SP. Editora Canal6, 2013.

SIMÕES, Roberto Porto. **Informação, inteligência e utopia: contribuições à Teoria de Relações Públicas.** São Paulo, SP. Editora Summus, 2006.

UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO. **Guia para normalização de trabalhos acadêmicos.** 4 ed. Bauru, SP. 2014. 100f.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar.** Porto Alegre, RS. Editora Sulina, 2010.

WURMAN, Richard Seul. **Ansiedade de informação: como transformar informação em compreensão.** São Paulo, SP. Editora Cultura Associados, 1991.